

STEPHEN GREENBLATT

A virada

O nascimento do mundo moderno

Tradução

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Stephen Greenblatt

Publicado mediante acordo com o autor, a/c BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, U.S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Swerve: How the world became modern

Capa

Rodrigo Maroja

Preparação

Alexandre Boide

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen T. S. Costa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Greenblatt, Stephen

A virada: o nascimento do mundo moderno/ Stephen Greenblatt ; tradução Caetano W. Galindo — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original : The swerve : how the world became modern.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2114-4

1. Ciência renascentista 2. Civilização moderna 3. Filosofia renascentista 4. Lucrécio Caro, Tito, Da natureza 5. Lucrécio Caro, Tito — Influência 6. Renascença i. Título.

12-05277

CDD-945

Índice para catálogo sistemático:

1. Renascimento : História 945

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio	9
1. O caçador de livros	21
2. O momento da descoberta	28
3. Em busca de Lucrécio	50
4. Os dentes do tempo	74
5. Nascimento e renascimento	97
6. Na fábrica de mentiras	117
7. Armadilha de caçar raposas	133
8. Como as coisas são	154
9. A volta	172
10. Viradas	185
11. Ressurreições	203
Agradecimentos	221
Notas	223
Bibliografia selecionada	252
Créditos das imagens	274
Índice remissivo	275

1. O caçador de livros

No inverno de 1417, Poggio Bracciolini ia a cavalo pelos morros e os vales arborizados do sul da Alemanha a caminho de seu distante destino, um mosteiro que segundo se dizia tinha um depósito de velhos manuscritos. Como deve ter ficado imediatamente claro para os aldeões que o viam das portas de seus casebres, o homem era estrangeiro. Pequeno e barbeado, provavelmente estava vestido de forma modesta com uma túnica e uma capa bem-feitas, mas simples.¹ O fato de não ser do campo estava claro, e no entanto ele não se parecia com nenhum dos moradores da cidade e da corte que os nativos dali estariam acostumados a ver de passagem de vez em quando. Desarmado e sem a proteção de uma armadura barulhenta, certamente não era um cavaleiro teutônico — um único golpe firme com o bastão de osso de um campônio qualquer teria dado cabo dele com facilidade. Embora não parecesse ser pobre, não tinha nenhuma das marcas familiares de riqueza e status: não era da corte, com roupas lindas e cabelos perfumados arrumados em longos cachos, e também não era um nobre caçando com cães ou águias. E, como ficava claro pelas roupas e pelo corte do cabelo, não era padre nem monge.

O sul da Alemanha na época prosperava. A catastrófica Guerra dos Trinta Anos que assolaria a Alemanha rural e abalaria cidades inteiras da região ainda estava distante, assim como os horrores de nosso próprio tempo, que destruí-

ram muito do que tinha sobrevivido daquele período. Além de cavaleiros, cortesãos e nobres, outros homens de peso cruzavam as estradas sulcadas e compactadas. Ravensburg, perto de Constança, estava envolvida no comércio de tecidos e recentemente havia começado a produzir papel. Ulm, na margem esquerda do Danúbio, era um vigoroso centro de manufatura e comércio, assim como Heidenheim, Aalen, a linda Rothenburg ob der Tauber e a ainda mais linda Würzburg. Burgueses, mercadores de lã, couro e tecidos, vinhateiros e cervejeiros, artesãos e seus aprendizes, assim como diplomatas, banqueiros e cobradores de impostos, todos eles eram visões conhecidas. Ainda assim, Poggio não se encaixava.

Havia também figuras menos prósperas — ajornalados, funileiros, amoladores de facas e outros cujos ofícios os mantinham na estrada; peregrinos a caminho de santuários, onde podiam rezar diante de uma gota de sangue sagrado ou um fragmento do osso de um santo; jograis, adivinhos, mascates, acrobatas e saltimbancos que viajavam entre as cidades; fugitivos, vagabundos e ladrões de galinhas. E também os judeus, com seus chapéus cônicos e os distintivos amarelos que as autoridades cristãs os obrigavam a usar, para que pudessem ser facilmente identificados como alvos de desprezo e de ódio. Poggio certamente não era nada disso.

Para aqueles que o viam passar, ele na verdade deve ter sido uma figura desorientadora. A maioria das pessoas naquela época demonstrava sua identidade, seu lugar no sistema social hierarquizante, através de sinais visíveis que todos podiam ler, como as manchas indeléveis nas mãos de um tintureiro. Poggio beirava o incompreensível. Um indivíduo isolado, fora das estruturas de família e ocupação, fazia muito pouco sentido. O que importava era do que a pessoa fazia parte, e em alguns casos a quem pertencia. O pequeno dístico que Alexander Pope escreveu jocosamente no século XVIII, para que fosse colocado num dos pugs da rainha, poderia ter sido aplicado com sinceridade ao mundo que Poggio habitava:

De Sua Majestade eu sou por bem;
E vós, senhor, sois cão de quem?

O núcleo familiar, a rede de parentesco, a guilda, a corporação — eram essas as bases em que se fundava a noção de pessoa. A independência e a autos-

suficiência não tinham peso cultural; na verdade, mal podiam ser concebidas, muito menos valorizadas. A identidade tinha um lugar preciso e bem sabido numa cadeia de comando e obediência.

Tentar romper a cadeia era uma tolice. Um gesto impertinente — uma recusa de prestar reverência, ou se ajoelhar, ou descobrir a cabeça diante da pessoa certa — podia acarretar um nariz rasgado ou um pescoço partido. E, afinal, para quê? Não havia alternativas coerentes, pelo menos nenhuma que fosse articulada pela Igreja, ou pela corte, ou pelos oligarcas da cidade. O melhor procedimento era aceitar humildemente a identidade reservada pelo destino: o lavrador só precisava saber lavrar, o tecelão, tecer, o monge, rezar. Era possível, claro, ser melhor ou pior em cada uma dessas coisas; a sociedade em que Poggio se encontrava reconhecia e, num grau considerável, recompensava competências incomuns. Mas valorizar uma pessoa por alguma individualidade inefável, ou por versatilidade, ou curiosidade intensa, era virtualmente inaudito. Na verdade, a Igreja dizia que a curiosidade era um pecado mortal.² Deixar-se levar por ela significava correr o risco de uma eternidade no inferno.

Quem, então, era esse Poggio? Por que não proclamava sua identidade nas costas, como as pessoas decentes costumavam fazer? Ele não usava insígnias e não carregava fardos de mercadorias. Tinha o ar confiante de alguém acostumado a viver entre os grandes, mas ele próprio, evidentemente, não era figura de grande importância. Todo mundo sabia que aparência tinha uma dessas pessoas importantes, pois aquela era uma sociedade de servos, guardas armados e criados de libré. O estrangeiro, com trajes simples, cavalgava com apenas um acompanhante. Quando pararam na estalagem, o acompanhante, que parecia ser um assistente ou um criado, fez os pedidos; quando o mestre falou, ficou claro que sabia pouco ou nada de alemão, e que sua língua nativa era o italiano.

Se tivesse tentado explicar a um curioso o que estava querendo ali, o mistério de sua identidade teria se aprofundado ainda mais. Numa cultura com uma alfabetização muito limitada, um interesse por livros já era bizarro. E como Poggio poderia explicar a natureza ainda mais bizarra de seus interesses particulares? Ele não estava em busca de livros de horas, ou missais, ou hinários cujas belíssimas iluminuras e encadernações esplêndidas deixassem óbvio seu valor até para os analfabetos. Esses livros, alguns incrustados de joias e com páginas com bordas de ouro, muitas vezes ficavam trancados em caixas especiais ou acorrentados aos púlpitos e às prateleiras, para que leitores de mãos leves não pudessem fugir

com eles. Mas estes não tinham encantos especiais para Poggio. E ele também não se sentia atraído pelos tomos lógicos, médicos ou jurídicos que constituíam as ferramentas de prestígio das elites profissionais. Esses livros tinham o poder de impressionar e até intimidar quem não sabia lê-los. Eram cercados de uma mágica social, como a que normalmente se associa a eventos desagradáveis: um processo legal, um inchaço doloroso na virilha, uma acusação de bruxaria ou de heresia. Uma pessoa comum teria entendido que volumes desse tipo tinham dentes e garras, e teria entendido por que uma pessoa inteligente poderia estar atrás deles. Mas aqui também a indiferença de Poggio era desconcertante.

O estrangeiro estava indo a um mosteiro, mas não era padre, teólogo ou inquisidor, e não estava em busca de livros de oração. Procurava velhos manuscritos, muitos deles mofados, carcomidos de traças e praticamente indecifráveis até para os leitores mais treinados. Se as folhas de pergaminho em que esses livros eram escritos ainda estivessem intactas, teriam certo valor monetário, já que poderiam ser cuidadosamente raspados com facas, amaciados com talco e usados novamente. Mas Poggio não estava no ramo de pergaminhos usados, na verdade detestava quem raspava as letras antigas. Ele queria ver o que estava escrito ali, mesmo que a grafia fosse intricada e difícil, e estava interessado acima de tudo em manuscritos que tivessem quatrocentos ou quinhentos anos, que viessem portanto do século X ou até antes.

A não ser para um punhado de pessoas na Alemanha, essa busca, caso Poggio tivesse exposto o que era, teria parecido estranha. E teria parecido ainda mais estranha se Poggio tivesse explicado que na verdade não tinha o menor interesse no que foi escrito quatrocentos ou quinhentos anos atrás. Ele desprezava aquela época, a considerava um poço de superstição e ignorância. O que realmente queria achar eram palavras que nada tinham a ver com o momento em que foram escritas no pergaminho antigo, palavras que na melhor das hipóteses não estivessem contaminadas pelo universo mental do reles escriba que as copiara. Aquele escriba, Poggio esperava, estava aplicada e acuradamente copiando um pergaminho ainda mais antigo, feito por outro escriba cuja vida humilde também não tinha qualquer interesse para o caçador de livros a não ser o fato de ter deixado essa marca. Se a maré de sorte quase miraculosa se mantivesse, o manuscrito anterior, havia muito desaparecido na poeira, era por sua vez uma cópia fiel de um manuscrito mais antigo e aquele manuscrito, cópia de um outro. Agora finalmente a caçada ficava interessante para Poggio, e o

coração de caçador dentro do peito dele batia acelerado. Os rastros estavam levando de volta a Roma, não à Roma contemporânea, da corrompida corte papal, das intrigas, da debilidade política e dos surtos periódicos de peste bubônica, mas a Roma do Fórum e do Senado e de um latim cuja beleza cristalina o enchia de encanto e de desejo por um mundo perdido.

O que isso tudo poderia querer dizer para qualquer sujeito de pés no chão, no sul da Alemanha, em 1417? Ao ouvir Poggio, um supersticioso poderia ter suspeitado de um caso singular de feitiçaria, a bibliomancia; um homem mais sofisticado poderia ter diagnosticado uma obsessão psicológica, a bibliomania; um homem de fé poderia ter se perguntado por que uma alma sadia sentiria uma atração passional pelo tempo anterior ao momento em que o Salvador trouxe aos pobres pagãos a promessa da redenção. E todos teriam feito a óbvia pergunta: a quem este homem serve?

O próprio Poggio teria encontrado dificuldade para responder. Até pouco tempo antes ele era um servo do papa, como tinha sido de vários outros pontífices romanos. Sua ocupação era a de *scriptor*, ou seja, redator profissional de documentos na burocracia papal, e, empregando sagacidade e astúcia, tinha chegado à invejada posição de secretário apostólico. Ele ficava assim à disposição para escrever as palavras do papa, registrar suas decisões soberanas, redigir num latim elegante sua extensa correspondência internacional. Num esquema formal de corte, em que a proximidade física com o soberano absoluto era um bem de importância central, Poggio era um homem importante. Ele escutava enquanto o papa sussurrava alguma coisa em seu ouvido; respondia com outro sussurro; conhecia o significado dos sorrisos e das caras fechadas do papa. Tinha acesso, como sugere a própria palavra “secretário”, aos segredos do papa. E aquele papa era cercado de muitos segredos.

Na época em que cavalgava em busca de manuscritos antigos, porém, Poggio não era mais secretário apostólico. Não que tivesse desagradado seu mestre, o papa, que ainda estava vivo. Mas tudo tinha mudado. O papa que Poggio servira antes, e diante de quem tremiam os fiéis (e os não tão fiéis), estava naquele momento do inverno de 1417 numa prisão imperial em Heidelberg. Despojado de título, nome, poder e dignidade, havia sido humilhado em público, condenado pelos príncipes de sua própria Igreja. O “santo e infalível” Concílio Geral de Constança tinha declarado que, por sua “vida detestável e indecorosa”, ele havia rebaixado a Igreja e a Cristandade, e que não servia para

continuar ocupando sua alta posição.³ Consoanteamente, o concílio liberou todos os fiéis dos deveres de fidelidade e obediência a ele; ou seja, agora estava proibido chamá-lo de papa ou obedecer a ele. Na longa história da Igreja, que conta com uma impressionante quantidade de escândalos, poucas coisas desse tipo haviam acontecido antes — e nada desse tipo voltou a acontecer depois.

O papa deposto não estava lá, mas Poggio, seu ex-secretário apostólico, pode ter estado presente quando o arcebispo de Riga entregou o selo papal a um ourives, que solememente quebrou a peça, junto com as armas papais. Todos os criados do antigo papa foram liberados, e a correspondência dele — a correspondência em cujo gerenciamento Poggio tinha sido tão fundamental — foi oficialmente encerrada. O papa que havia escolhido se chamar João XXIII não existia mais; o homem que empregava aquele título era agora novamente o que seu batismo declarava, Baldassare Cossa. E Poggio era um homem sem mestre.

Não ter um mestre no começo do século XV era, para a maioria dos homens, um estado nada invejável, e até perigoso. As aldeias e as cidades viam com suspeita os viajantes; andarilhos eram açoitados e marcados a ferro; e, nas trilhas desertas de um mundo sem polícia, quem não tinha proteção era tremendamente vulnerável. É claro que Poggio estava longe de ser um andarilho. Sofisticado e muito bem treinado, vinha circulando havia muito entre os grandes. Os guardas armados do vaticano e do Castelo de Santo Ângelo o deixavam passar pelos portões sem uma palavra, e pessoas importantes na corte papal tentavam se destacar diante de seus olhos. Ele tinha acesso direto a um soberano absoluto, rico e inteligente senhor de territórios imensos, que também dizia ser o mestre espiritual de toda a cristandade ocidental. Nas câmaras privadas dos palácios, assim como na própria corte papal, o secretário apostólico Poggio era uma presença familiar, trocando piadas com cardeais cobertos de joias, conversando com embaixadores e bebendo vinho fino em taças de cristal e ouro. Em Florença, tinha granjeado a amizade das figuras mais poderosas da Signoria, o corpo administrativo da cidade, e possuía um considerável círculo de relações.

Mas Poggio não estava em Roma nem em Florença. Estava na Alemanha, e o papa que ele seguira até a cidade de Constança estava na prisão. Os inimigos de João XXIII haviam triunfado e estavam agora no controle. Portas que um dia se abriram para Poggio agora estavam solidamente fechadas. E gente que antes queria muito obter favores — uma dispensa, uma decisão jurídica, uma posição lucrativa para si próprio ou seus parentes —, gente que adulava o secretário

como meio de adular seu mestre, agora olhava em outra direção. A renda de Poggio abruptamente secou.

Era uma renda considerável. Os *scriptores* não recebiam uma paga fixa, mas tinham permissão para cobrar taxas pela execução de documentos e para obter o que se chamava “concessão de graça”, ou seja, favores legais em questões que exigiam alguma correção técnica ou alguma exceção concedida, oralmente ou por escrito, pelo papa. E, claro, havia outras taxas, não exatamente oficiais, que chegavam de maneira privada até alguém que estava tão próximo do papa. No meio do século xv, a renda de um secretário ficava entre 250 e trezentos florins por ano, e um espírito empreendedor podia ganhar muito mais. No fim de um período de doze anos nessa carreira, Jorge de Trebizonda, um colega de Poggio, tinha estocado mais de 4 mil florins em bancos romanos, além de belos investimentos em propriedades.⁴

Em suas cartas aos amigos, Poggio disse durante a vida inteira que não era nem ambicioso nem ganancioso. Escreveu um ensaio muito elogiado em que atacava a avareza como um dos mais odiosos vícios humanos, e fustigava a ganância dos monges hipócritas, príncipes sem escrúpulos e mercadores cúpidos. Teria sido tolo, claro, levar essas declarações totalmente a sério: há vários indícios no final de sua carreira, quando ele conseguiu voltar à corte papal, de que Poggio usou sua posição para ganhar dinheiro sem pensar duas vezes. Nos anos 1450, além de um *palazzo* de família e de uma propriedade no campo, ele era dono de várias fazendas, dezenove terrenos diferentes e duas casas em Florença, e possuía depósitos substanciosos em casas bancárias e comerciais.⁵

Mas essa prosperidade está ainda a anos daqui. Um inventário oficial (chamado de *catasto*), feito em 1427 por cobradores de impostos, indicava que Poggio tinha posses bem modestas. E uma década antes, no tempo em que João xxiii foi deposto, ele quase certamente possuía muito menos. Na verdade, seu impulso acumulador posterior pode ter sido uma reação à lembrança daqueles longos meses, que viraram vários anos magros, em que se viu em terra estrangeira, sem emprego ou renda e com muito poucos recursos dos quais se valer. No inverno de 1417, quando cavalgava pelos campos do sul da Alemanha, Poggio sabia apenas muito vagamente, se é que sabia de todo, de onde viriam seus próximos florins.

É ainda mais impressionante que nesse período difícil Poggio não tenha rapidamente encontrado um novo emprego ou se apressado em voltar para a Itália.⁶ O que ele fez em vez disso foi sair caçando livros.